

# Do campo para mundo: em busca de um internacionalismo continental para o MST – Entrevista com Gilmar Mauro

Deni Ireneu Alfaro Rubbo\*

## **Resumo:**

Nesta entrevista, no espaço da Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), em Guararema (SP), ocorrida em novembro de 2011, Gilmar Mauro, dirigente nacional do MST, aborda um tema que ainda é um desafio teórico e político para o tempo presente: o internacionalismo, com foco especialmente na América Latina. Ele aborda como esse processo e princípio acompanhou constantemente a trajetória histórica do MST, seja nos cursos de formação, seja no processo de articulação com outras organizações populares do campo, seja nos acampamentos e assentamentos, seja na criação de inúmeras brigadas de solidariedade.

**Palavras-chave:** América Latina. Internacionalismo. Organização popular.

## From the countryside to the world: in search of a continental internationalism for the MST – An interview with Gilmar Mauro

## **Abstract:**

In this interview, conducted at the Florestan Fernandes National School (ENFF) in Guararema, São Paulo in November 2011, Gilmar Mauro, national leader of the MST, discusses a topic that continues to be theoretically and politically challenging: internationalism, with a special focus on Latin America. He talks about how that process and principle have been a constant concern in the historical trajectory of the MST, whether it be in training courses, relations with other popular rural organizations, in the camps and settlements, or in the creation of innumerable solidarity brigades.

**Keywords:** Latin America. Internationalism. Popular organization.

Um dos mais importantes líderes históricos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Gilmar Mauro nasceu em Capanema, no Paraná, filho de pequenos agricultores que perderam a terra e deixaram o campo. Sem perspectiva em sua cidade, em 1985, participou de sua primeira ocupação. Em 1986 foi assentado em Lindo Oeste, que fazia parte do município de Cascavel na

---

\* Mestrando em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP) e bolsista CNPq. End. eletrônico: deni\_out27@uol.com.br

época. Dois anos depois, levou seus pais para assumir e morar no lote conquistado. Foi escolhido em 1999 pela revista *Times* e pela rede CNN, ambas dos Estados Unidos, como um dos 50 líderes que comandarão o século XXI. Publicou o livro (juntamente com Luiz Bernardo Pericás), *Capitalismo e Luta Política no Brasil* (2001). Atualmente é Dirigente Nacional do MST. Desenvolveu uma intensa colaboração e militância sobre as relações internacionais do MST.

Nesta entrevista, no espaço da Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), em Guararema (SP), ocorrida em novembro de 2011, Gilmar Mauro aborda um tema ainda pouco discutido pelo pensamento social contemporâneo, mas que tem uma crucial relevância teórica e política para as organizações sociais e políticas da esquerda mundial: o internacionalismo, com foco especialmente na América Latina. Procurou-se aprofundar a atuação política internacionalista do MST, com a finalidade de testar algumas hipóteses que estão sendo trabalhadas em nossa pesquisa em andamento. Como se poderá notar nesta entrevista, o internacionalismo é um dos princípios fundamentais que norteiam o MST desde a sua fundação. Contudo, a “vocação internacionalista” do MST não foi gerada *automaticamente* pela manifesta o do capitalismo internacional no campo, mas também pela dimensão  tica-moral e religiosa – principalmente da fonte da Teologia da Liberta o e da Pastoral da Terra – que   um fator essencial na motiva o subjetiva de uma consciência humanista e universal latino-americana e de uma cultura política de solidariedade internacionalista permanente que o MST desenvolve a partir de sua própria forma o específica. Isso naturalmente não significa que o processo de internacionaliza o do capitalismo na realidade rural brasileira (e, por desdobramento e amplia o, da realidade latino-americana) não seja um ingrediente profícuo para conhecer e explicar a consolida o da articula o com a *Coordinadora Latinoamericana de Organizaciones del Campo* (CLOC) e com a Via Campesina, da qual o MST faz parte. O processo da atua o política internacionalista do MST desenvolveu-se sob uma rica diversidade ligada a vários outros componentes políticos e circunstâncias históricas específicas: 1) na forma o de quadros políticos de militantes; 2) no aprendizado e no conhecimento com os processos organizativos de luta de outros países, como a revolu o nicaraguense e a experiência cubana na década de 1980; 3) na presença ativa da Teologia da Liberta o que desenvolve uma consciência internacionalista e latino-americana; 4) no engajamento pela “Campanha Continental 500 anos de Resistência Indígena, Negra e Popular” (1989-1992); 5) na articula o duradoura através da coordenadora continental de camponeses (CLOC) e do movimento internacionalista de camponeses (Via Campesina); 6) na cria o de inúmeras brigadas internacionalistas de solidariedade. Afinal, conforme a avalia o de Gilmar Mauro, “cada vez mais não   possível pensar em processos de transforma o social olhando só para um país”.

**1) No processo de internacionalização do MST, o que fez com que você, mesmo exercendo outras atividades internas no movimento, desempenhasse também uma militância mais concentrada nesse tema?**

Olha acho que eu já estive mais participando ativamente porque compus um tempo atrás o setor de relações internacionais do MST. Depois, de um tempo pra cá, não tenho tido o mesmo tempo, a mesma participação em função de outras questões internas. Mas a origem é a seguinte: em 1989, na verdade, eu fui fazer um curso de formação de economia política e filosofia em Cuba, acho que de uns cinco meses. E aprendi a falar espanhol, e o MST precisava, pois, estava iniciando o processo de relações internacionais e, na verdade, o fato de dominar a língua permitia acompanhar várias atividades e participar do setor de relações internacionais. E eu acompanhei naquele período a “Campanha Continental 500 anos de Resistência Indígena Negra e Popular”, o início da CLOC e um pouco da Via Campesina. Com isso tive uma atuação muito mais intensa em âmbito internacional. E o MST tem como linha política que cada militante não viaje mais de duas vezes por ano para fazer com que a política de relações internacionais primeiro seja assimilada por um conjunto maior de militantes. O espaço das relações é um espaço também de formação, de aprendizado, portanto, por isso que nós descentralizamos. Tem tarefas que são um pouco mais centralizadas que exigem mais acompanhamento, mas, as demais, buscamos a descentralização como forma inclusive de formar muito mais gente com uma compreensão e participação nas relações internacionais.

**2) No 1º Congresso do MST em 1985, em Curitiba (PR), havia algumas delegações estrangeiras de organizações populares do campo da América Latina. O MST desde o principio tem uma vocação internacionalista?**

Tem. Eu acho que o nosso movimento já surge, mesmo que a grande maioria dos próprios militantes não tivesse consciência, mas alguns tinham, e evidentemente eles surgem com essa visão de que a luta da classe trabalhadora é uma luta internacional e de que é preciso construir espaços de articulação e alianças em nível internacional, já que os “inimigos” também – utilizando o jargão – têm uma atuação internacionalizada e, portanto, era preciso buscar nessas articulações políticas o fortalecimento da luta nossa e de outros. Mas também tem outro ingrediente: a ideia era aprender com os processos organizativos de luta dos outros países. Então, em um primeiro momento, o MST atribuía aos militantes, quando convidava organizações internacionais, para acompanhar de perto cada dirigente e aprender com isso e, ao mesmo tempo, quando havia um congresso nós também nos distribuíamos: quem vai acompanhar tal país e o envio de pessoas em missão internacionalista para acompanhar as experiências históricas.

**3) Nos anos 1980, ao que tudo indica, a revolução sandinista inspirou claramente forças sociais progressistas por todo o continente. Qual a importância da revolução sandinista e da experiência cubana para a internacionalização do MST?**

No início dos cursos de formação do MST – inclusive nós não tínhamos um setor de formação e realizávamos parcerias com outras organizações, escola sindical –, nós aprendíamos até as músicas, “*Nicarágua, nicaragueta*”, hino da Frente Sandinista Libertação Nacional (FSLN). A revolução nicaraguense tem um caráter popular bem interessante, ela conjuga elementos da Igreja, elementos dos setores indígenas, mas ela nos ensina muito sobre o trabalho de base, nos ensina nos princípios organizativos. Nós utilizamos vários documentos dos sandinistas, sobre vários assuntos, e reproduzimos para nossa militância. Evidentemente que ela tem um marco importante na composição do nosso movimento. Cuba também, embora fosse uma situação diferente. Cuba faz a revolução ainda em 1959 e o processo que vivia de construção do socialismo era diferente do nosso processo, mas há um aprendizado histórico. Cuba nos oferece cursos de formação, aliás, as primeiras escolas de formação que mandamos nossos militantes do MST foram para lá. A experiência da revolução cubana, nicaraguense, e depois, mais adiante, toda a experiência acumulada na América Latina, Revolução Mexicana, a tentativa de reforma agrária no Peru, o processo em El Salvador, enfim, as experiências dos anos 1980 foram muito importantes para o nosso movimento.

**4) Em relação à “*Campanha Continental 500 anos de Resistência Indígena, Negra e Popular*” (1989-1992), trata-se da primeira manifestação mais intensa que o MST tem em nível internacional, que mais tarde, irá formar a CLOC e a Via Campesina. Como começou essa aproximação do MST com essa Campanha?**

A ideia de onde surgiu eu não sei, mas acho que foram dos povos indígenas da América Latina em função das comemorações dos 500 anos que estavam sendo propostos pela Espanha, o “descobrimento” da América Latina, então começou a surgir do movimento indígena a ideia que era preciso fazer uma contraposição. Com isso, em um primeiro momento, se chamou algumas reuniões, acabamos compondo um comitê de articulação internacional, algo que buscou discutir o que seria essa outra campanha. E a ideia foi juntar não só povos indígenas, mas organizações camponesas; tanto foi assim que o nome da Campanha acabou ficando “*Campanha Continental 500 anos de Resistência Indígena, Negra e Popular*”, inclusive os setores negros foram incorporados também. Esse processo foi muito (evidentemente precisaria de muito tempo até porque ele foi muito rico e teria que ser escrito) interessante porque, na verdade, ele conseguiu conjugar três

setores que, do ponto de vista clássico, estavam fora de qualquer perspectiva. O camponês era ainda incluído na aliança operário-camponesa, e o indígena, negro e camponês sempre subordinado à classe operária; então essa campanha continental surge com força porque ela consegue articular os três setores, consegue desenvolver luta de massa, consegue articular continentalmente esses movimentos e fazer grandes ações como foi o grande encontro que aconteceu na Guatemala, onde juntamos milhares de pessoas.

### **5) Esse encontro na Guatemala foi quando?**

Em 1991 ou 1992, agora não lembro<sup>1</sup>. Aconteceu na Guatemala um grande encontro, depois na Nicarágua, depois na Bolívia, mas o que acontece dentro disso: em 1990 vem a crise do socialismo real, e Cuba, até então, cumpria esse papel histórico de oferecer cursos para a América Latina e ela vive uma crise econômica muito grande e interrompe com a grande maioria dos cursos. O MST, nesse período, está em um processo de crescimento intenso e já como referência interessante na América Latina. Esse processo que articulou vários setores levou a que nós constituíssemos dentro do grande guarda-chuva que foi a Campanha Continental com articulações específicas. Os camponeses, por exemplo, constroem a CLOC. Os movimentos populares urbanos chegaram a ensaiar a criação de um organismo internacional, uma espécie de federação internacional de movimentos populares urbanos. Os indígenas também criaram uma articulação continental. Os negros tiveram certa dificuldade de criar uma articulação continental. No entanto, o que prosperou de fato foi a organização dos camponeses, com a CLOC, que virou uma estrutura organizativa e passou a funcionar, desde então, com congressos, discussões coletivas, etc., com uma direção que articulasse os vários países, uma espécie de coordenação e, evidentemente, foi um elemento importante para a criação da Via Campesina junto com as organizações europeias. Esse processo foi rico e leva o MST a cumprir um papel também protagonista importante porque, a partir de então, várias coisas que Cuba cumpria deixou de cumprir, como o espaço da formação, por exemplo. Hoje a Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) cumpre um papel importante que Cuba talvez realizasse. O importante disso é que nós conseguimos mudar a metodologia nas relações internacionais. Acho que a grande contribuição do MST é essa. Não só do MST, não vou querer atribuir isso a nós. O que eram as organizações sindicais internacionais? Várias federações, muito turismo sindical, os

---

<sup>1</sup>O primeiro Encontro da Campanha... foi na cidade de Bogotá (Colômbia), o segundo Encontro ocorreu na cidade de Quetzaltenango (Guatemala) e, por fim, o terceiro e último Encontro ocorreu na cidade de Manágua (Nicarágua), em 1992.

países do Leste Europeu pagavam passagem para a turma ir até Cuba e, em certo sentido, isso levou a muitos oportunismos. O MST muda essa situação. Primeiro, não constitui uma direção oficial internacional: são coordenações, representação de movimentos; não tem nenhuma estrutura burocratizada internacionalmente. Segundo, busca estimular movimentos reais e, a partir dos movimentos reais, um intercâmbio internacional; e o processo de formação político-ideológico mais autossustentado pelas próprias organizações. Esse é o processo que a gente vive atualmente.

## **6) O que mudou no MST depois que se articulou com a CLOC e com a Via Campesina?**

A própria experiência da construção da campanha nos leva a entender outras culturas, outras visões de mundo. Por exemplo, o movimento indígena tem outro tempo, eles veem o tempo de outra forma. Eu acompanhei muito isso, me agoniava porque um líder indígena de repente se inscrevia e gastava um monte de tempo para falar sobre um assunto ou, enquanto eles não tinham consenso entre eles, não interessava, não fechava. E a nossa forma de ponto, discute, aprova e encaminha não funcionou com o movimento indígena. Então, toda a paciência do mundo. Para você ter uma ideia desde o começo nós tivemos um aprendizado interessante disso. Em escala internacional – eu peguei esse exemplo para dizer – também são outros tempos e outras visões. Na verdade, a Via Campesina hoje se articula em mais de 70 países<sup>2</sup>. São várias visões políticas e têm temas que unificam: reforma agrária, soberania alimentar, contra as empresas transnacionais, contra a Organização Mundial de Comércio (OMC), contra a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), em defesa da água, da biodiversidade, das sementes, são temas que unificam. Agora, nem todo mundo é socialista. Por exemplo, vai falar em socialismo para a turma do Leste Europeu, para os camponeses de lá. Eles não querem nem ouvir falar. Por quê? Porque viveram uma experiência [traumática]...

Então se fôssemos pelo viés ideológico, nós teríamos muita dificuldade. Evidentemente que isso tem contradições, um monte de diferenças, mas nem por isso deixamos de construir essa experiência em escala internacional e eu acho que é uma experiência interessante que hoje existe. Lamentavelmente somente os

---

<sup>2</sup>Até a V Conferência Internacional da Via Campesina realizada em Moçambique, no ano de 2008, a organização internacional camponesa totalizava 148 organizações de 69 países em 8 regiões: América do Norte, América do Sul, América Central, Caribe, Europa, Leste e Sudeste da Ásia, Sul da Ásia e África. Um acesso a lista completa da organizações da Via Campesina pode ser conferido em Vieira (2011).

camponeses têm isso. Lamentavelmente. Pois nosso sonho era ter uma internacional de trabalhadores, mas isso também não depende só da vontade de alguma organização, é um processo histórico e nesse tempo histórico de fragmentação e crise da esquerda dificilmente se viabilizaria um projeto desse tipo. Essa relação tem impactos dentro do MST também, porque você tem que se relacionar com gente que pensa diferente. Tem impactos positivos, inclusive de visualizar que uma construção política, uma aliança política, não se dá com quem pensa exatamente igual. E essa aliança política pode ser na tática, pode ser em temas comuns e pode ser uma aliança política que vai para além de temas comuns, uma aliança estratégica, como muitos movimentos que, além de lutarem por questões concretas, defendam a construção do socialismo. Então o aprendizado é bastante grande.

**7) Outro ponto que chama atenção nesse processo é a criação de brigadas internacionalistas de solidariedade. Apesar do MST sempre incentivar os intercâmbios, as atividades das brigadas parecem ser mais diferenciadas, os militantes passam mais tempo, por exemplo. Quando isso começou? Em que países as brigadas estão atualmente?**

Isto também não é novo. Se você pegar historicamente, Cuba tem uma participação de brigadas internacionalistas extraordinária, no envio de médicos nas catástrofes, sempre foram solidárias com o mundo todo, recebendo gente. É essa experiência histórica boa do socialismo que acho que nós recuperamos, resgatamos como parte de estimular o que nós chamamos de solidariedade internacional da classe trabalhadora. Ela tem o sentido de contribuir com os processos internos, não de intervir no sentido de dizer o que eles têm de fazer. A brigada do Haiti, por exemplo, está ajudando a fazer cacimba e a construir portas, a discutir uma escola de agroecologia por lá. São elementos da solidariedade humana em um país arrasado por uma série de fatores e ainda mais com a decisão do exército brasileiro de comandar as tropas da ONU. Agora tem o viés também da formação. Quer dizer, você conhecer outras realidades, você interagir com aquela realidade, você aprender com aquela realidade; hoje temos nossos “filhos” no Haiti contribuindo, no Paraguai, no Equador, na Bolívia, na Venezuela, em Cuba, na África. Eu me orgulho muito dessa parte do nosso movimento e acho que nós devemos continuar porque assim a gente forma militantes, intercambiando, repassa experiências que nós acumulamos, não com intuito de dizer a cada país, a cada povo, o que fazer, mas no sentido de interagir permanentemente e aprender e levar a experiência que a gente acumulou.



## **8) Qual a importância da Teologia da Libertação para o processo de internacionalização do MST?**

A origem do MST conjuga esse ingrediente religioso que é a tal da mística que traz para o cotidiano o sonho do futuro. Mas ela tem o sentido político que é o seguinte, e que a agricultura nos ensina: se você quer colher abacate você tem que plantar abacateiro. Não tem como plantar abacate plantando limão. Se você quer construir a nova sociedade, você tem que semear aqui e agora os valores da nova sociedade. Simples assim. Como é que vai ser a juventude amanhã? Olha o que ela está fazendo, o que está comendo, o que está vendo, o que está lendo, que você sabe o que vai ser a juventude amanhã, não tem milagre nisso. Você quer construir valores? Você tem que semear aqui e agora. Quer uma sociedade libertária? Você tem que ser libertário. Você quer homens e mulheres participando? Você tem que criar espaço para as mulheres participarem. Você quer ter juventude? É preciso criar as condições para que a juventude participe. Eu estou te dizendo tudo isso porque a ideia da mística é trazer para o presente e semear no presente – não na hora da mística, mas no cotidiano daquilo que você quer construir. O MST consegue conjugar os ingredientes da mística revolucionária que resgata a experiência nicaraguense, cubana, a própria experiência bolchevique; conjuga isso com as experiências históricas no Brasil, as lutas pela terra, Canudos, Quilombos, Ligas Camponesas, mas também com esse outro lado da Teologia da Libertação que foi muito importante no surgimento do nosso Movimento. E isso evidentemente é o que conforma o MST como uma espécie de síntese. Ele não é igreja. Ele conjuga vários ingredientes, no meu modo de ver, positivos desses amplos processos de aprendizados desenvolvidos em diferentes áreas. Resgatamos, por exemplo, o [Augusto] Boal com o teatro popular do oprimido e isso acho que nos ajuda nessa visão também internacionalista, porque a Teologia da Libertação tinha bastante essa visão; o cristianismo, em geral, tem bastante dessa doação que quase chega a ser, às vezes, uma [espécie de] “franciscanismo”. Mas ela foi importante e construiu o que eu vou chamar de valores de uma militância, da entrega, da participação, da solidariedade que são fundamentais para aquilo que o MST defende como nova sociedade.

## **9) O internacionalismo chega à prática cotidiana dos acampados e assentados do MST? Ou ele se restringe mais como uma aspiração retórica da direção do MST?**

Bem, essas são as contradições. Acho que ele chega, mas não da forma como se difunde, não se difunde em uma militância do MST. Mas se você pegar, por exemplo, para te dar questões concretas, a campanha que nós fizemos durante a crise em Cuba, de arrecadação de materiais escolares, essa campanha foi muito



intensa na nossa base com contribuição extraordinária dos assentados e acampados, e as crianças se envolveram nisso. A campanha em relação ao Haiti, agora, envolveu a participação de nossa base em arrecadação de produtos, doações, etc. Os meninos que vêm de lá, a gente faz questão de fazer essas rodadas, os próprios haitianos que estiveram conosco durante um ano, sessenta haitianos que estiveram aqui vivenciaram experiências em todos os estados, estiveram nos acampamentos e nos assentamentos difundindo isso. É um processo de tentativa permanente de construir jornadas socialistas nos assentamentos, mas também ações concretas de solidariedade quando necessário, seja ela um abaixo-assinado, seja ela de arrecadações concretas. Mandamos toneladas de alimentos para o Haiti e Venezuela, que foram construídas junto à nossa base. Agora, evidentemente que existe uma lacuna e um problema que, dentre os desafios, nós precisamos evidentemente avançar.

#### **10) Em sua opinião, quais são os benefícios e os riscos da internacionalização do MST?**

Olha, acho que tem uma coisa aí. O MST nunca vai deixar de atuar no seu espaço territorial que é o Brasil. Aliás, nenhuma organização conseguiria ter uma atuação internacional com algum reconhecimento e contundência se não tiver ação onde ela está, vive etc. Acho que aqui tem um elemento importante que é a conjugação da luta local com a luta mais geral. Ou seja, a luta específica com a luta mais ampla, universal. Eu digo sempre o seguinte: cada vez mais não é possível pensar em processos de transformação social olhando só para um país. No entanto, não é possível pensar um processo de transformação social da humanidade se você não atuar no seu país. Então alguém pode dizer: quem olha muito para o local pode perder a dimensão internacional. Um exemplo que usamos muito: quem olha para árvore não vê a floresta. É verdade. Quem olha muito para a floresta também não consegue ver a árvore. Eu digo sempre, você tem que olhar a árvore e a floresta, ou seja, tem que atuar no âmbito nacional, mas tem que atuar no âmbito internacional. Nós poderíamos, eu brinco, se não tivéssemos uma atuação no Brasil concreta como o MST, gente que vive, que mora aqui, que quer lutar pela terra, colocar uma melancia na cabeça que não seríamos conhecidos internacionalmente. Ou seja, o reconhecimento internacional não é pelo trabalho internacional somente, é pelo trabalho desenvolvido aqui no país. Essa visão de que é preciso construir a luta pela reforma agrária aqui, construir a luta anticapitalista aqui, mas a luta anticapitalista tem que ser uma luta em escala planetária e, portanto, até para viabilizar a nossa luta pela reforma agrária, nós dependemos da solidariedade internacional. Veja bem: muitos movimentos foram derrotados, como as Ligas Camponesas etc., em um tempo histórico.

Nós somos salvos em vários momentos da história do MST pela solidariedade interna e pela solidariedade internacional. Então, é uma conjugação, não tem só lá nem só aqui, mas a conjugação é uma interação dialética entre as lutas locais, específicas etc. com lutas de caráter universal e em escala planetária.

### **Bibliografia**

MAURO, Gilmar; PERICÁS, Luiz Bernardo (2001). *Capitalismo e luta política no Brasil: na virada do milênio*. São Paulo: Xamã.

VIEIRA, Flávia Braga (2011). *Dos proletários unidos à globalização da esperança: um estudo sobre internacionalismos e a Via Campesina*. São Paulo: Alameda.